

# DA COMIDA EM VERSOS UM POT-POURRI DE PALADAR PESSOAL\*

*Gilda Santos*

*(Universidade Federal do Rio de Janeiro/  
Real Gabinete Português de Leitura)*

---

## **RESUMO**

Uma antologia de poemas portugueses e brasileiros versando sobre comida.

**PALAVRAS-CHAVE:** antologia, poesia portuguesa e brasileira, comida

## **ABSTRACT**

An anthology of Portuguese and Brazilian poems dealing about food.

**KEYWORDS:** anthology, Portuguese and Brazilian poetry, food

*Uma corrente me prende à mesa em que os homens comem.  
E os convivas que chegam intencionalmente sorriem  
[...]  
e falo da verdade, essa iguaria rara*

*Jorge de Sena<sup>1</sup>*

A justa celebração do centenário de Vinicius de Moraes, em inúmeras comemorações que pontilharam 2013 e prosseguem ainda, trouxe à ribalta facetas menos conhecidas do grande poeta autodenominado “poetinha”. Dentre estas, a de *gourmet, gourmant e chef*, como bem atesta o livro *Pois sou um bom cozinheiro – receitas, histórias e sabores da vida de Vinicius de Moraes*<sup>2</sup>, no qual se encontram reunidas as suas muitas formas de convívio com o mundo da gastronomia, aqui e ali salpicadas em seus versos.

Exemplo é o poema “Feijoada à minha moda”<sup>3</sup>, dedicado, com alguma ousadia e toda admiração, a Helena Sangirardi – conhecida autora de livros de receitas; anos a fio signatária das colunas “Pratos que todos repetem” e “Lar, doce lar...” na revista *O Cruzeiro*; além de ser pioneira em levar a culinária para programas de rádio e televisão:

Amiga Helena Sangirardi  
Conforme um dia prometi  
Onde, confesso que esqueci  
E embora — perdoe — tão tarde

(Melhor do que nunca!) este poeta  
Segundo manda a boa ética  
Envia-lhe a receita (poética)  
De sua feijoada completa.

Em atenção ao adiantado  
Da hora em que abrimos o olho  
O feijão deve, já catado  
Nos esperar, feliz, de molho

E a cozinheira, por respeito  
À nossa mestria na arte  
Já deve ter tacado peito  
E preparado e posto à parte

Os elementos componentes  
De um saboroso refogado  
Tais: cebolas, tomates, dentes  
De alho — e o que mais for azado

Tudo picado desde cedo  
De feijão a sempre evitar

Qualquer contato mais... vulgar  
Às nossas nobres mãos de aedo.

Enquanto nós, a dar uns toques  
No que não nos seja a contento  
Vigiaremos o cozimento  
Tomando o nosso uísque on the rocks

Uma vez cozido o feijão  
(Umás quatro horas, fogo médio)  
Nós, bocejando o nosso tédio  
Nos chegaremos ao fogão

E em elegante curvatura:  
Um pé adiante e o braço às costas  
Provaremos a rica negrura  
Por onde devem boiar postas

De carne-seca succulenta  
Gordos paíós, nédio toucinho  
(Nunca orelhas de bacorinho  
Que a tornam em excesso opulenta!)

E — atenção! — segredo modesto  
Mas meu, no tocante à feijoada:  
Uma língua fresca pelada  
Posta a cozer com todo o resto.

Feito o quê, retire-se o caroço  
Bastante, que bem amassado  
Junta-se ao belo refogado  
De modo a ter-se um molho grosso

Que vai de volta ao caldeirão  
No qual o poeta, em bom agouro  
Deve esparzir folhas de louro  
Com um gesto clássico e pagão.

Inútil dizer que, entrementes  
Em chama à parte desta liça  
Devem fritar, todas contentes  
Lindas rodelas de lingüiça

Enquanto ao lado, em fogo brando  
Dismilingüindo-se de gozo  
Deve também se estar fritando  
O torresminho delicios

Em cuja gordura, de resto  
(Melhor gordura nunca houve!)  
Deve depois frigir a couve  
Picada, em fogo alegre e presto.

Uma farofa? — tem seus dias...  
Porém que seja na manteiga!  
A laranja gelada, em fatias  
(Seleta ou da Bahia) — e chega

Só na última cozedura  
Para levar à mesa, deixa-se  
Cair um pouco da gordura  
Da lingüiça na iguaria — e mexa-se.

Que prazer mais um corpo pede  
Após comido um tal feijão?  
— Evidentemente uma rede  
E um gato para passar a mão...

Dever cumprido. Nunca é vã  
A palavra de um poeta... — jamais!  
Abraça-a, em Brillat-Savarin  
O seu Vinicius de Moraes

A receita em versos talvez seja a forma mais explícita e inconteste de inserir a poesia numa linhagem de textos que, desde sempre, revela a preocupação do homem com aquilo de que absolutamente necessita: o alimento. E, como sucede com tudo que o preocupa e lhe é indispensável, o homem não abdica de lhe inculcar caráter simbólico.

Se remontarmos à Bíblia, um dos grandes pilares da escrita ocidental, são incontáveis as referências à comida, desde o fruto genesíaco até à última ceia, cujas conotações os exegetas não cessam de debater. Os gregos e os romanos legaram-nos deuses e deusas da agricultura, da caça, do vinho, da colheita, da abundância, devidamente invocados em prosa e verso por autores que se converteram em outros daqueles pilares que até hoje sustentam nossas metáforas.

Dando um salto para os primórdios da escrita em língua portuguesa, o tema da comida frequenta as cantigas de escárnio e maldizer, tem vários registros nas crônicas de Fernão Lopes e é assíduo nos autos de Gil Vicente. De Mestre Gil, lembremos particularmente a ceia mística celebrada no final do *Auto da Alma*, na qual as iguarias servidas à alma combatida são os revitalizadores emblemas da paixão de Cristo, como convinha ao *exemplum sacro*.

Nos tempos das navegações, todos aprendemos a importância do comércio das especiarias para a consolidação do “império” português e, pura ironia, todos recordamos o escorbuto que acometia os navegantes fragilizados pela deficiência alimentar.

Face às novidades quinhentistas, importadas do contato mais estreito com o Oriente, não faltaram clamores contra a mudança de hábitos, inclusive culinários, tal como se lê nas trovas “*Da caça que se caça em Portugal*”<sup>4</sup>, do *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*: “*Ouro, aljofar, pedrar-*

ia,/ gomas e especearia,/ toda outra drogaria/ se recolhe em Portugal”. Mais comedido e mais agudo, Sá de Miranda, na “Carta ao Senhor de Basto”<sup>5</sup>, responsabiliza a ânsia pela canela como motriz de perigo iminente: “Não me temo de Castela,/ Donde inda guerra não soa, /Mas temo-me de Lisboa/ Que, ao cheiro desta canela,/ O Reino nos despvoa”.

Chegados a Luís de Camões, frequentador, segundo consta, do “Mal-cozinhado”, é impossível não recordar, dos cantos IX e X d’*Os Lusíadas*<sup>6</sup>, o banquete oferecido por Vênus a seus protegidos portugueses, como contraparte material da deificação que conquistaram como prêmio “bem merecido dos trabalhos tão longos e dos feitos imortais e soberanos”. Assim, aos “varões que esforço e arte/ divinos os fizeram” são servidos “altos manjares excelentes, iguarias suaves e divinas em pratos de fulvo ouro”, que, decerto, equivalem a troféus.

Avançando para tempos barrocos, no robusto cancionero da *Fênix Renascida ou Obras Poéticas dos Melhores Engenhos Portugueses*, encontramos o romance atribuído a Jerónimo Baía “Ao menino Deus em metáfora de doce”<sup>7</sup>, no qual a transubstanciação é envolta em requintes culinários da doçaria tradicional:

– Quem quer fruta doce?  
– Mostre lá! Que é isso?  
– É doce coberto;  
É manjar divino.

– Vejamos o doce,  
E, depois que o virmos,  
Compraremos todo,  
Se for todo rico.

– Venha ao portal logo:  
Verá que não minto,  
Pois de várias sortes  
É doce infinito.

Desculpa, minha alma.  
– Mas ah! que diviso?  
Envolto em mantilhas,  
Um infante lindo!

– Pois de que se admira,  
Quando este Menino  
É doce coberto,  
É manjar divino?

– Diga o como é doce,  
Que ignoro o prodígio.  
– Não sabe o mistério?  
Ora vá ouvindo:

Muito antes de Santa Ana  
Teve este doce princípio,

Porque já do Salvador  
Se davam muitos indícios.

Mas na Anunciada dizem  
Que houve mais expresso aviso,  
E logo na Encarnação  
Se entrou por modo divino.

Esteve pois na Esperança  
Muitos tempos escondido.  
Saiu da Madre de Deus,  
Depois às Claras foi visto.

Fazem dele estimação  
As freiras com tal capricho,  
Que apuram para este doce  
Todos os cinco sentidos.

Afirmam que no Calvário  
Terá Seu termo finito,  
Sendo que no Sacramento  
Há-de ter novo artifício.

Que seja doce este Infante,  
A razão o está pedindo,  
Porque é certo que é morgado,  
Sendo unigénito Filho!

Exposto ao rigor do tempo,  
Quando tiritita nuzinho,  
Um caramelo parece  
Pelo branco e pelo frio.

Tal doce é, que porque farte  
Ao pecador mais faminto,  
Será de pão com espécies,  
Substantial doce divino.

É manjar tão soberano,  
Regalo tão peregrino,  
Que os espíritos levanta,  
Tornando aos mortos vivos.

Tão delicioso bocado  
Será de gosto infinito,  
manjar real, verdadeiro,  
Manjar branco parecido!

Que é manjar dos Anjos, dizem  
Talentos mui fidedignos,  
Por ser pão-de-ló, que aos Anjos  
Foi em figura oferecido.

Já os árcades setecentistas, perseguindo o ideal clássico do despojamento, enaltecem a frugalidade pastoril, a exemplo de Cláudio Manuel da Costa nos versos “O leite, a fruta, o queijo, o mel dourado,/ Tudo aqui acharás nesta choupana”<sup>8</sup>; ou de Cruz e Silva em “Poderás esta noite em minha choça/ Ao fogo repousar. Ali teremos/ A fresca coalhada, os moles queijos,/// Nem faltarão medronhos, e castanhas, / Nem da conchada pinha os duros frutos”<sup>9</sup>; ou de Correia Garção, nesta natureza-morta: “O louro chá no bule fumegando [...]/ Brilhante açúcar em torrões cortado;/ O leite na caneca branquejando;/ Vermelhas brasas alvo pão tostando; /Rui-va manteiga em prato mui lavado”<sup>10</sup>. Mais original é Filinto Elísio ao criar na sua écloga “A invenção do açúcar”<sup>11</sup> a lenda do surgimento da cana num cenário mitológico greco-latino – cana que logo é ofertada aos pastores e pastoras como “dom dos Deuses e tempero essencial de gulodices”.

No Romantismo, em ousado arroubo sensual, Almeida Garrett louva a amada na plenitude de “Os Cinco Sentidos”<sup>12</sup>, sendo imprescindível a sua apreensão pelo gosto: “Formosos – são os pomos saborosos,/ É um mimo – de néctar o racimo:/ E eu tenho fome e sede... sequiosos,/ Famin- tos meus desejos/ Estão... mas é de beijos, / E só de ti – de ti!”

Aindo no oitocentismo, as inquietações sociais de Cesário Verde levam-no a ocupar-se tanto da comida como da sua escassez. Em “Contra-riedades”<sup>13</sup>, a vizinha que “mal ganha para as sopas e mantém-se a chá e pão” preocupa o poeta rejeitado pelos jornais: “A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?” Noutra vertente, os versos de “Num bairro moderno”<sup>14</sup> orbitam em torno da alimentação e do excesso burgês: nos *rez-de-chaussée*, “reluzem, num almoço, as porcelanas”, e pelas ruas macadamizadas, “bóiam aromas, fumos de cozinha; /com o cabaz às costas, e vergando,/ sobem pa- deiros, claros de farinha”. Mas o ponto alto do poema emerge quando o “retalho de horta aglomerada”, contido na giga de pobre regateira, suscitará a magistral “visão de artista” ao poeta caminhante: a metamorfose das fru- tas, verduras e legumes na composição poético-pictórica de figura humana gigantesca, *à la* Arcimboldo, fundindo comida e comensal numa “digestão desconhecida”.

Assumido admirador de Cesário, Fernando Pessoa aqui compa- rece, na pele de Álvaro de Campos, com o famoso “Dobrada à moda do Porto”<sup>15</sup>, cuja melancolia pungente nunca será demais recordar:

Um dia, num restaurante, fora do espaço e do tempo,  
Serviram-me o amor como dobrada fria.  
Disse delicadamente ao missionário da cozinha  
Que a preferia quente,  
Que a dobrada (e era à moda do Porto) nunca se come fria.

Impacientaram-se comigo.  
Nunca se pode ter razão, nem num restaurante.  
Não comi, não pedi outra coisa, paguei a conta,  
E vim passear para toda a rua.

Quem sabe o que isto quer dizer?  
Eu não sei, e foi comigo...

(Sei muito bem que na infância de toda a gente houve um jardim,  
Particular ou público, ou do vizinho.  
Sei muito bem que brincarmos era o dono dele.  
E que a tristeza é de hoje).

Sei isso muitas vezes,  
Mas, se eu pedi amor, porque é que me trouxeram  
Dobrada à moda do Porto fria?  
Não é prato que se possa comer frio,  
Mas trouxeram-mo frio.  
Não me queixei, mas estava frio,  
Nunca se pode comer frio, mas veio frio.

Se Pessoa é capaz de fundir nos seus versos o trivial prato tripeiro com o amor (aqui absolutamente essencial, desprovido de qualquer adorno de adjetivação), décadas à frente António Gedeão reprisa as viagens ultramarinas, no bem conhecido “Poema da Malta das Naus”<sup>16</sup>, para chegar a uma outra inesperada fusão: mar e mareantes têm o mesmo saber/sabor...

Lancei ao mar um madeiro,  
espetei-lhe um pau e um lençol.  
Com palpito marinheiro  
medi a altura do sol.

Deu-me o vento de feição,  
levou-me ao cabo do mundo.  
Pelote de vagabundo,  
rebotinho de gibão.

Dormi no dorso das vagas,  
passei na orla das praias,  
arrenegei, roguei pragas,  
mordi peloiros e zagaías.

Chamusquei o pêlo hirsuto,  
tive o corpo em chagas vivas,  
estalaram-me as gengivas,  
apodreci de escorbuto.

Com a mão esquerda benzi-me,  
com a direita esganei.  
Mil vezes no chão, bati-me,  
outras mil me levantei.

Meu riso de dentes podres  
ecoou nas sete partidas.  
Fundei cidades e vidas,



rompi as arcas e os odres.  
Tremi no escuro da selva,  
alambique de suores.  
Estendi na areia e na relva  
mulheres de todas as cores.

Moldei as chaves do mundo  
a que outros chamaram seu,  
mas quem mergulhou no fundo  
do sonho, esse, fui eu.

O meu sabor é diferente.  
Provo-me e saibo-me a sal.  
Não se nasce impunemente  
nas praias de Portugal.

No revisitar da História lusa, Fiama Hasse Paes Brandão recua a momento decisivo na ascensão da Dinastia de Avis para surpreender uma cena feminina, emblemática e legendária, cujo título é uma perfeita ementa: “Poema para a padeira que estava a fazer pão enquanto se travava a batalha de Aljubarrota”<sup>17</sup>

Está sobre a mesa e repousa  
o pão  
como uma arma de amor  
em repouso

As armas guardam no campo  
todo o campo  
Já os mortos não aguardam  
e repousam

Dentro de casa ela aguarda  
abrir o forno  
Ela em mão que prepara  
o amor

Pelos campos todos armas  
não repousam  
mais os mortos  
ter amor

Sobre a mesa põe as mãos  
pôs o pão  
Fora de casa o rumor  
sem repouso

Ela agora abre o fogo  
para o pão  
em repouso ela ouve os mortos  
lá de fora

Lá de fora entram armas  
os homens  
As mãos dela não repousam  
acolhem

Sobre a mesa pôs o pão  
arma de paz  
Contra as armas da batalha  
arma de mão

Contra a batalha das armas  
não repousa  
Caem contra a mesa os mortos  
contra o forno

Outra paz não defende ela  
que a do pão  
Defende a paz que é da casa  
e das mãos.

A mulher e a comida – dupla imbatível! Tal como bem atesta a vanguardista Alice Ruiz nos versos plurívocos do seu “Sem receita”<sup>18</sup>, musicados por José Miguel Wisnik:

Primeiro lenta e precisamente  
Arranca-se a pele  
Esse limite da matéria  
Mas a das asas, melhor deixar  
Pois se agarra à carne  
Como se ainda fossem voar  
As cochas soltas  
Soltas e firmes  
Devem ser abertas  
E abertas vão estar  
E o peito nu  
Com sua carne branca  
Nem lembrar  
A proximidade do coração  
Esse não!  
Quem pode saber  
Como se tempera o coração  
Limpa-se as vísceras  
Reserva-se os miúdos  
Pra acompanhar  
Escolhe-se as ervas, espalha-se o sal  
Acende-se o fogo, marca-se o tempo  
E por fim de recheio  
A inocente maçã  
Que tão doce me deleita  
Nos tirou do paraíso  
E nos fez assim sem receita

O poema-receita, ou anti-receita, faz-nos voltar a Vinicius de Moraes e a outro texto seu, desta vez, uma verdadeira profissão de fé gastronômica, uma ode, sem título<sup>19</sup>, à culinária brasileira, escrita no “exílio” de Los Angeles:

Não comerei da alface a verde pétala  
Nem da cenoura as hóstias desbotadas.  
Deixarei as pastagens às manadas  
E a quem mais aprouver fazer dieta.

Cajus hei de chupar, mangas-espadas  
Talvez pouco elegantes para um poeta.  
Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta  
Que acredita no cromo das saladas.

Não nasci ruminante como os bois  
Nem como os coelhos, roedor; nasci  
Omnívoro: deem-me feijão com arroz

E um bife, e um queijo forte, e Parati  
E eu morrerei feliz do coração  
De ter vivido sem comer em vão.

Posto em circulação na *web*, recentemente o soneto serviu de mote a uma glosa de Vasco Graça Moura, com loas à cozinha portuguesa<sup>20</sup>:

pois eu gosto de lombo e feijoada,  
favas e grão, e tudo o que indigesto  
me faz sentir um cidadão honesto  
na hora prandial e bem regada

do tinto das colheitas a que presto  
a vénia palatal e reiterada,  
sem esquecer qualquer bacalhoadá,  
troixas de ovos, pudins e tudo o resto

que até pode provar-nos que algum deus  
afinal sempre existe e é cá dos meus  
e às vezes me aproxima do vinicius.

e pode mesmo ser que não se morra  
assim da *grande bouffe* à tripa-forra,  
e se faça um soneto a esses vícios...

Graças ao imediatismo da *internet*, os sonetos de Vinicius e de Graça Moura tiveram divulgação instantânea, promovendo novos diálogos *inter pares*, à volta do mesmo saboroso tema. Assim, Luis Felipe Castro Mendes, que já vinha mantendo discussões gastrofílicas com António Dias pela sua página do Facebook, colabora duplamente nesse caldo poético:

DA POESIA E DO COMER E BEBER E FOLGAR: RESPOSTA  
A UM AMIGO<sup>21</sup>

Antonio, os poetas também comem,  
menos talvez até que gostariam,  
mas, que seja mulher ou seja homem,  
da gulodice todos compartilham.

Verás aqui o Vasco Graça Moura  
responder ao Vinicius genial:  
ao grande brasileiro que a gente adora  
dedicamos-lhe versos, Portugal.

No Procópio havia as tostas mistas  
servidas com primor pelo Luís.  
Havia da política as revistas  
rigorosas do Nuno ao seu país.

Hoje passo por Lisboa e quando parto  
penso nos amigos e em seu trato.

RESPOSTA A ANTONIO DIAS DA PARTE DAS VÍTIMAS  
DA FOME<sup>22</sup>

(Da poesia como papança: resposta a António Dias e  
homenagem ao poeta Conde de Monsaraz)

Poetas comilões, Antonio Dias,  
são mato nesta mata esfomeada:  
alguns papam almoços sem azias  
e jantam prémios feitos a molhada.

Papança (belo nome) fez receitas  
em verso bem medido e bem lançado.  
Esquecemos Bulhão Pato e as perfeitas  
amêijoas que devemos ao seu fado.

Poetas são pessoas de alimento,  
dêem-nos de comer, façam favor!  
Nao cortem a raiz ao pensamento,  
que a comer ganha asas o amor.

Para concluir este *pot-pourri* de temperos luso-brasileiros  
– mas sem direito à doce sobremesa que nos reconfortaria – serve-se a  
substancial “Comida”<sup>23</sup>, preparada por Arnaldo Antunes, Sérgio Brito e  
Marcelo Fromer, desconfortavelmente cantada pelos Titãs.

Bebida é água!  
Comida é pasto!  
Você tem sede de que?  
Você tem fome de que?...

A gente não quer só comida  
A gente quer comida  
Diversão e arte  
A gente não quer só comida  
A gente quer saída  
Para qualquer parte...

A gente não quer só comida  
A gente quer bebida  
Diversão, balé  
A gente não quer só comida  
A gente quer a vida  
Como a vida quer...

Bebida é água!  
Comida é pasto!  
Você tem sede de que?  
Você tem fome de que?...

A gente não quer só comer  
A gente quer comer  
E quer fazer amor  
A gente não quer só comer  
A gente quer prazer  
Prá aliviar a dor...

A gente não quer  
Só dinheiro  
A gente quer dinheiro  
E felicidade  
A gente não quer  
Só dinheiro  
A gente quer inteiro  
E não pela metade...

Bebida é água!  
Comida é pasto!  
Você tem sede de que?  
Você tem fome de que?...

A gente não quer só comida  
A gente quer comida  
Diversão e arte  
A gente não quer só comida  
A gente quer saída  
Para qualquer parte...

A gente não quer só comida  
A gente quer bebida  
Diversão, balé  
A gente não quer só comida  
A gente quer a vida  
Como a vida quer...

A gente não quer só comer  
A gente quer comer  
E quer fazer amor  
A gente não quer só comer  
A gente quer prazer  
Pra aliviar a dor...

A gente não quer  
Só dinheiro  
A gente quer dinheiro  
E felicidade  
A gente não quer  
Só dinheiro  
A gente quer inteiro  
E não pela metade...

Diversão e arte  
Para qualquer parte  
Diversão, balé  
Como a vida quer  
Desejo, necessidade, vontade  
Necessidade, desejo, eh!  
Necessidade, vontade, eh!  
Necessidade...

## NOTAS

\*Breve antologia constituída por textos encontráveis na web.

1 Cf. <http://www.lerjorgedesena.lettras.ufrj.br/ressonancias/pesquisa/estudos/22-por-si-e-pelo-outro-o-testemunho-de-jorge-de-sena/> (fragmentos do poema "Os trabalhos e os dias")

2 São Paulo, Companhia das Letras, 2013. Cf. <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13418>

3 Cf. <http://cozinhaeliteratura.blogspot.com.br/2013/04/feijoada-minha-moda.html>

4 Cf. [http://www.passeiweb.com/na\\_ponta\\_lingua/livros/resumos\\_comentarios/c/cancioneiro\\_geral](http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/resumos_comentarios/c/cancioneiro_geral)

5 Cf. <http://www.nicoladavid.com/literatura/s-de-miranda/carta-a-antnio-pereira--senhor-de-basto>

6 Cf. <http://oslusiadas.org/i/>

7 Cf. <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/baia.htm>

8 Cf. <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/ClaudioManoeldaCosta/Poemas.htm> (Soneto LXVII "Não te cases com Gil, bela serrana")

9 Cf. [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/8546/6/FMO\\_tese.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/8546/6/FMO_tese.pdf)

10 Cf. <http://tacansado.wordpress.com/2009/02/19/cenas-domesticas-ii/>

11 Cf. [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/8546/6/FMO\\_tese.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/8546/6/FMO_tese.pdf)

12 Cf. <http://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=770>

13 Cf. <http://www.citador.pt/poemas/contrariedades-cesario-verde>

14 Cf. <http://www.citador.pt/poemas/num-bairro-moderno-cesario-verde>

15 Cf. <http://arquivopessoa.net/textos/2201>

- 16 Cf. <http://textosdepoesia.wordpress.com/2013/04/05/poema-da-malta-das-naus-antonio-gedeao/> (o poema foi musicado por Manuel Freire e tem inúmeras disponibilizações na web, como, por exemplo, em vídeo ilustrado pelos biombos de Namban: [http://www.youtube.com/watch?v=bJQ\\_Kjr5VTY](http://www.youtube.com/watch?v=bJQ_Kjr5VTY))
- 17 Cf. <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga27/arqs/matraga27a02.pdf>
- 18 Cf. [http://www.aliceruiz.mpbnet.com.br/discografia/perolas.aos.poucos/sem\\_receita.htm](http://www.aliceruiz.mpbnet.com.br/discografia/perolas.aos.poucos/sem_receita.htm)
- 19 Cf. <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/nao-comerei-da-alface-verde-petala>
- 20 Cf. <http://timtimnotibet.blogspot.com.br/2013/10/da-poesia-e-do-comer-1.html>
- 21 Cf. <http://timtimnotibet.blogspot.com.br/2013/10/da-poesia-e-do-comer-e-beber-e-folgar.html>
- 22 Cf. <http://timtimnotibet.blogspot.com.br/2013/10/da-poesia-como-papanca-resposta-antonio.html>
- 23 Cf. <http://letras.mus.br/titas/91453/>